

ALBERTO

registo(s) de viver

PIMENTA

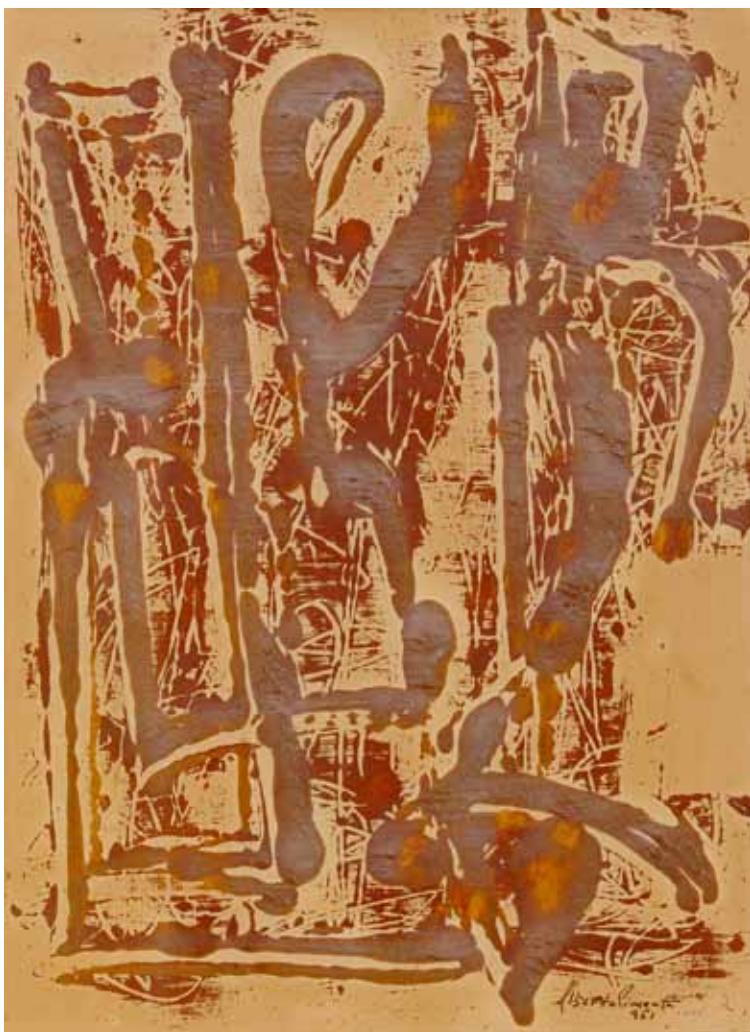
21 JANEIRO a 1 MARÇO 2014

HOMEM

(HOMO · ZAPIERI)



Perve
Galeria
Casa da LIBERDADE
Mário CESARINY
Alfama



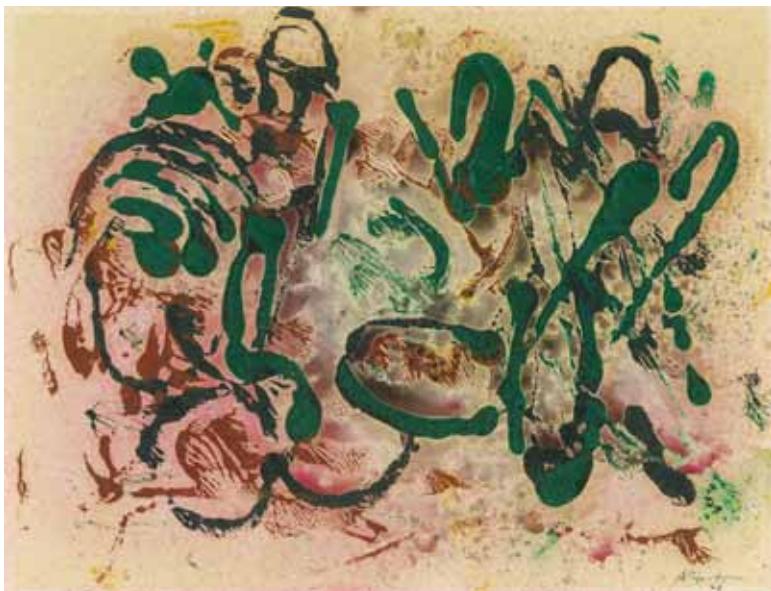
Afrikanische Mythologie, técnica mista s/ papel, 27x20 cm 1961, Coleção Adelina Novais
(Uma das obras de Alberto Pimenta que figurou na exposição colectiva
em 1961 em Heidelberg, Alemanha) - ALP192

Julgo que quem quer que faça objectos de arte – com imagens, palavras, ou o que seja – esgota em cada um deles, de cada vez, tudo o que tinha para dizer, muito ou pouco, interessante ou menos, novo ou nem tanto.

Qualquer acrescento, em termos de análise interpretativa, é um sobrejo, e para mais limitativo da liberdade individual de interpretação.

Outros que o façam – para si, ou uns para os outros – dizendo como lhes chegou a eles o que ali está, ao lê-lo ou ao vê-lo. É o que naturalmente fazem de tudo o que lhes chega de fora, seja discurso muito inflamado, ou frio e astronómico, sobre bolas rolantes, ou seja então político, sobre bolas que não rolam, só orbitam como a lua.

Alberto Pimenta



sem título, técnica mista s/ papel, 24x31 cm 1963, Coleção Adelina Novais
(Uma das obras de Alberto Pimenta que figurou na exposição colectiva
em 1961 em Heidelberg, Alemanha) - ALP193

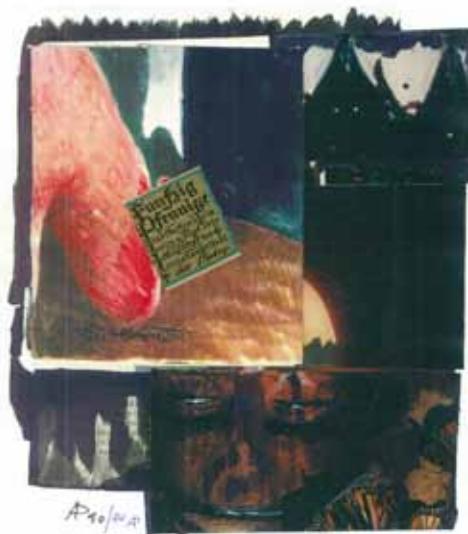


Faoda do lar, colagem, 20x29 cm 1989, Coleção Adelina Novais ALP194

aos aos estudantes de coimbra
 quando vós vi NESTE ESTADO acredit
 neste esudo que ainda mantinheis
 espirito de isto dantes pois como
 dantes vos vi neste SADO e sabendo que é do
 Vosso espirito não deixar que morra o
estado de isto dantes e que em tudo quanto
 fuzis QUEREIS verdad **FIRA** mente manio o Estado de isto
 dantes a praz-me inspirar os vossos mestres que
 form como voz isto dantes para a **Vós**
 por VER cada vez mais como isto dantes
 sempre como **ISTO** dantes por fora
 E cada vez mais como isto dantes por DENTRO
 por isso que o Vosso **espirito** isto dantes
prossiga neste **ESTADO** para que não morra o
esuado DE **ISTO** **DANTES**
 tenho dito ad
 vosso a os

28 DE maio DE 1980

Obra realizada em 1980 em Coimbra, a propósito da reintrodução da praxe académica. "A.O.S (António Oliveira Salazar) aos estudantes de Coimbra...", o autor assinala o facto de os estudantes, através dos rituais da praxe, manterem o estado de "isto dantes". Poema colagem, 43x30 cm, 1980, Coleção Cristina e José Manuel Vieira - ALP197



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel,
42x29,5 cm 1990/4 - ALPOB105



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel,
42x29,5 cm 1990/4 - ALPOB106



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4
ALPOB108



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4
ALPOB107



Série "Brilhos na noite urbana", técnica mista s/ papel, 42x29,5 cm 1990/4
ALPOB104

«lá aquela ponta lá longe, disse o cego,

parando e apontando com a bengala, não, mas
vejo as pessoas lá longe, tão pequenas que
parecem pontas, disse eu, era isso que eu
queria dizer, disse o cego.

«lá aquela ponta lá longe, disse o cego,

parando e apontando com a bengala, não, mas
vejo os navios lá longe, tão pequenos que
parecem pontas, disse eu, era isso que eu
queria dizer, disse o cego.

«lá aquela ponta lá longe, disse o cego,

parando e apontando com a bengala, não, mas
vejo as casas lá longe, tão pequenas que
parecem pontas, disse eu, era isso que eu
queria dizer, disse o cego.

«lá aquela ponta lá longe, disse o cego,

parando e apontando com a bengala, não, mas
vejo as estrelas no céu escuro, tão pequenas que
parecem pontas, disse eu, era isso que eu

queria dizer, disse o cego.

«lá aquela ponta lá longe, disse o cego,

parando e apontando com a bengala, não, mas
vejo as casas lá longe, tão pequenas que
parecem pontas, disse eu, era isso que eu

queria dizer, disse o cego.

essa maria da contradição ainda se há-de
sair cara, disse o cego, brandindo a bengala.

A

Poema "diálogo", 1977, com intervenção de pingos de cera,
32x22 cm 2010 - ALP202

• PREPROPOSIÇÕES



A

Preposições, colagem com discreta intervenção de
pingos de cera, 32x22 cm 1986/2010 - ALP219

PIGRAMA XXX DO 2º LIVRO DO *HERMAPHRODITUS* DE ANTONIO BECCADELLI dito PANORMITA
Escrito e dedicado a Camille de Florencia cerca de 1419 (1º ed. em 1791)

EPITAPHIUM NICHINAE FLANDRIENSES, SCORTI EGREGII

Si steteris paulum, versus et legeris intos,
Haec gnosces meritrix quae tumulatur humo.
Rapta fui et patria teneri pulchella sub amnis.
Mota preci lacrymis, mota preci precibus.
Flandria me genuit, totum peregrinatus orbem,
Tandem me placide continuare Sense.
Nomen erat, nomen rotum. Nichina, hispana
Incolu, fulgor forsacis eius erat.
Palera decensque fui, redolens et mundus auro,
Membra fuere mili candidissima nive.
Quae melior nec erat Senensis in lumen Thais
Gnoeit vibrata uila movere nata.
Rapta viris tremula flegbam basia lingua,
Pont etiam colitus oxula multa dabam.
Locutus erat multo et nivis certone referens,
Tergebat nervos officiosa manus.
Pelvis erat cefala in medio, qua supe lavabat,
Lambebat madidum blata catella fonsur.
Nox erat, et juvenam me sollicitante emissa
Subsimu centum non satiata vices.
Dulcis, amorsa fui, multis mea facta placebant,
Sed praecester pretium nil mihi dulce fuit.

*

LÁPIDE TUMULAR DE NICHINA DE FLANDRES, PRECLARO COIRÃO

Desenvir um pouco a ler os versos que al enão
E saberia que este é o nómulo d'uma puta:
Menina e moça, ainda em tener idade,
Rogou e lágrimas d'um amigo me arrebataram para longas terras.*
Na Flandres viva uo mundo, o mundo corrermos ambos.
E por fim a esta plácida Siena vim ter
Nichina, nome tão fácula, tão famosa! tinha o domicilio
No bordel, e eu era o máximo, era a estrela fulgorante.
Sempre linda e ariosa, limpa e resplendente.
Pernas e braços mais brancos que a neve.**
Nameu o bordel da Siena tem uma Thais
Habil como eu em rebolar as nádegas.
Melia na boca dos homens a lúglio resplante
E depois do fim ainda os beijocava com muitas mininhos.
Na cama não salvava roupa fofinha e imaculada.
Ea limpava-lhes o espíro com a milicito jeito.
No meio do quarto o bacalhau ai pissus ainda húmido;
A minha doce casinha fomba ai pissus ainda húmida.
Aí era noite quando reveladas de juventu me visitavam:
Ea abria as pernas com vezes, e não me faltava.
Sempre meiga e bem disposta, fui o encanto de tanto.
Mas o meu encanto maior eram os florins a fazer telim.

Tradução: Alberto Pimenta

- * Qualquer semelhança com o poeta Bernardo Ribeiro é mera coincidência.
** A referência só às pernas e braços dá a perceber que Nichina atendia de lingerie.

Tradução de um epígrama de Beccadelli, a propósito da referência a Nichina de Flandres no livro "de nada", enquadramento a pincel e aplicação de adereço "joaninha", 32x22 cm 2012 - ALP213

viagem a Coronis

chega o inverno
aves que fogem
de que fogem
nas colinas pedregosas
casas que ficam
até quando ficam
abarrotam os celeiros
nuvens que vão
onde vêm
os campos esperam
árvore que crescem
por que não chegam nunca
apressa-se
rio que corre
por que não pára
e isto
que vem nos meus olhos
por que não vem comigo
e aquilo
que vem comigo
por que não vem nos meus olhos



AP

Viagem a Coronis, a partir do poema de 1993 " Santa copla carnal" com intervenção de pingos de cera,
32x22 cm, 2010 - ALP201

provocação

omenormovimentoprovocava
cansaçoesuorotermómetrom
enormovimentoprovocavaca
nsaçoesuorotermómetromar
cavamaisdescinquentagraus
porissoomenormovimentoprov
ocavacansaçoesuoreadens
ormovimentoprovocavacansa
çoesuoreadensidade de hum
idadenatmosferaultrapas
savaosnoventaporcentopor
issoomenormovimentoprov
ocavacansaçoesuoreumestad
ode tensão insuportávelopi
orporémeraqueomenormovim
entoprovocavacansaçoesuo
reumestadode tensão insupo
rtável pelo queomenormovim
entoprovocavacansaçoesuo
rmovimentoprovocavacansa
çoesuoropiorporémeraaten
sãoinsuportável queomenor

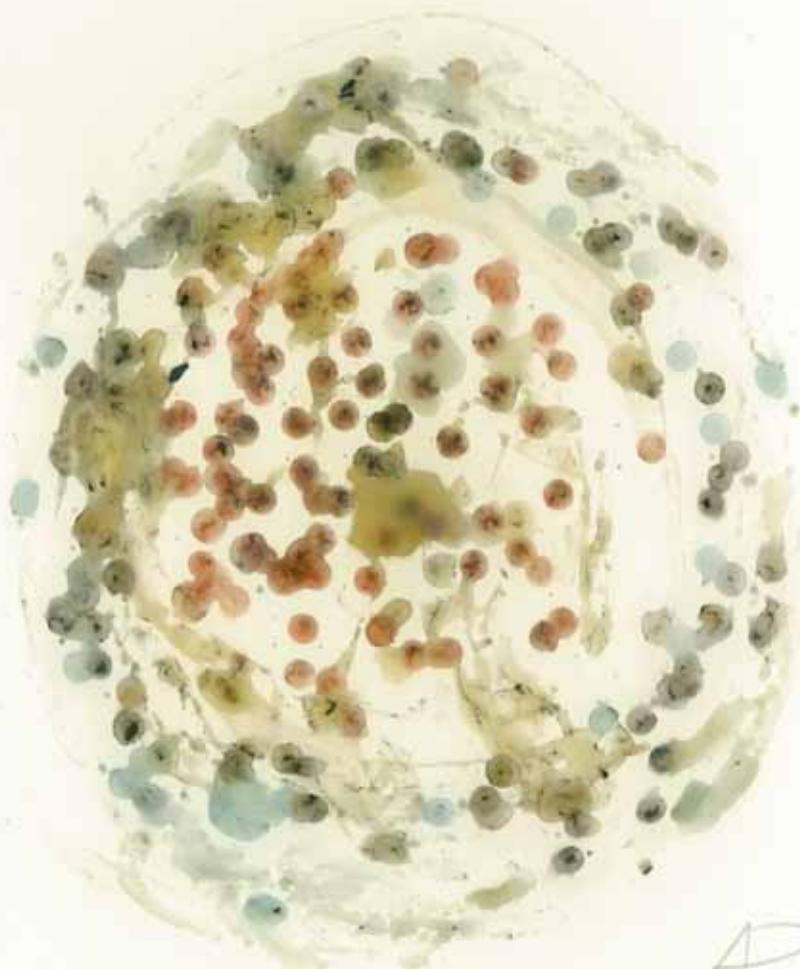


provocação, poema de 1970 ("O Labirintodonte"), com intervenções de pingos de cera, 32x22 cm,
2010 - ALP220



A
2010

Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALP217



A
2010

Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB127



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB011



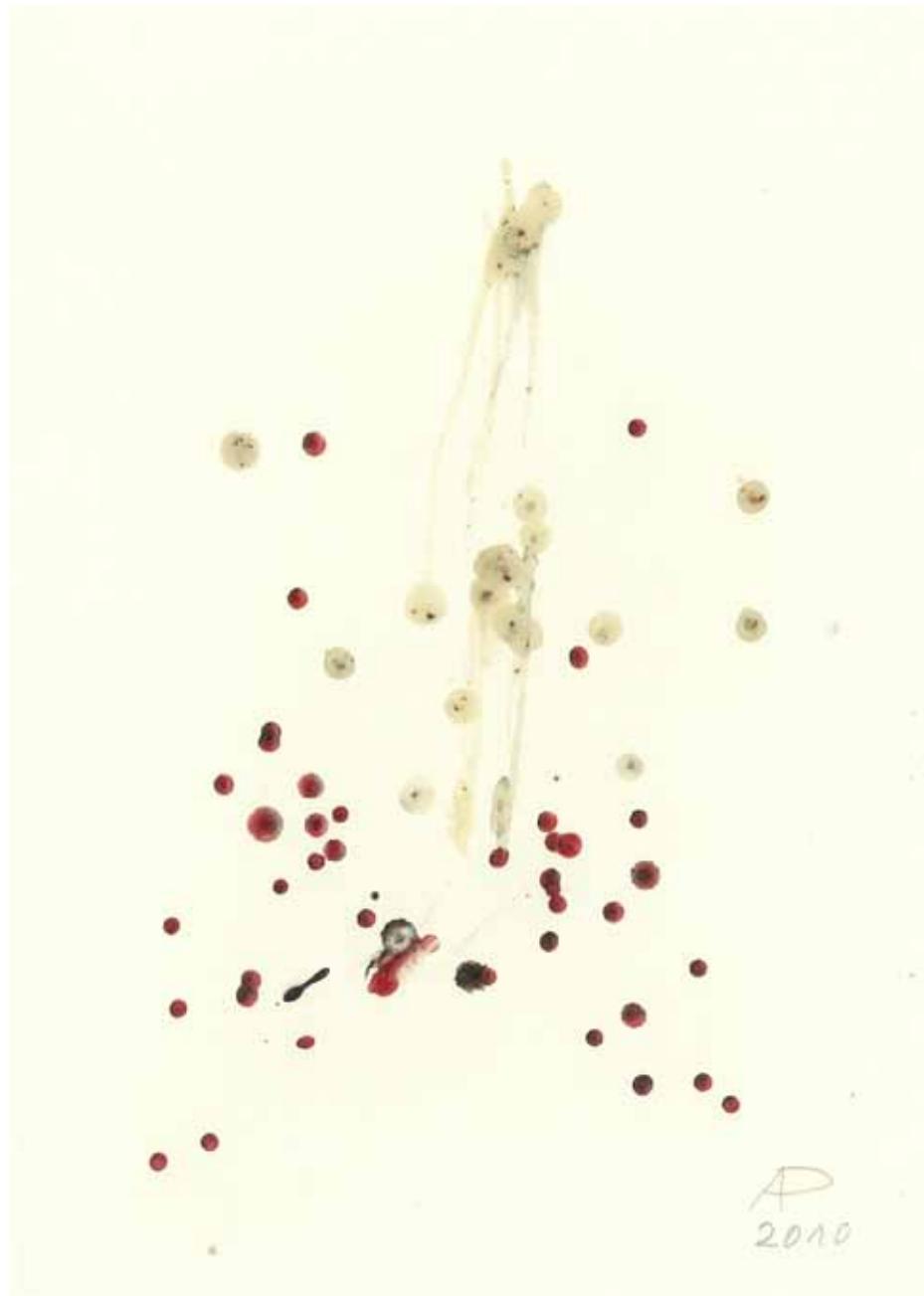
Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB019



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB022



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB067



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALP218



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB143



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB150



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB161



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB168



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB165



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB110



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB113



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB111



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB115



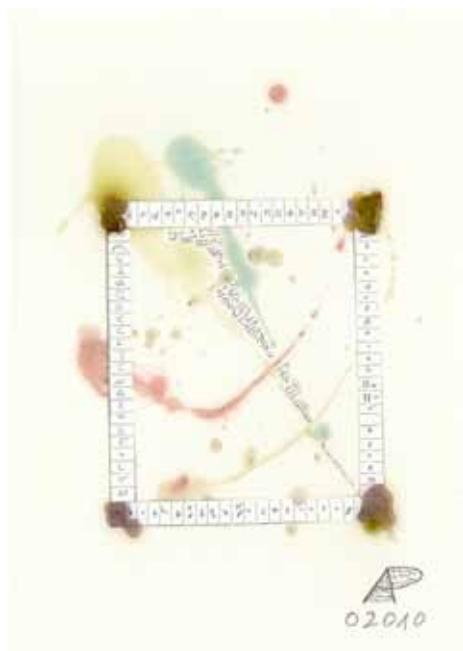
Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB109



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB116



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB118



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB191



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB176



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB190



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB177



Sem título, técnica mista s/ cartão, 32x22 cm 2010
ALPOB114



“Registo de Viver” - Livro artístico com 61 páginas. Edição do poema homônimo em 200 exemplares numerados e assinados pelo autor. Inclui um filme em suporte DVD com a leitura performativa do poema realizada por Alberto Pimenta com intervenção musical da soprano Manuela Moniz, e uma serigrafia.

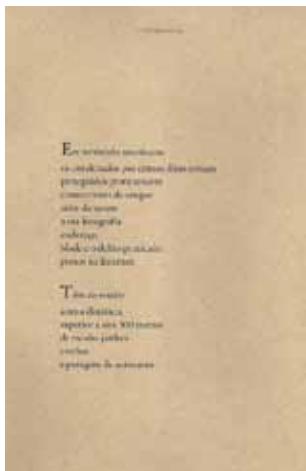
Este poema, que se desenrola na ilhota que fica por baixo de uma auto-estrada de acesso a Miami, para onde foram proscritos vários condenados por delitos “sexuais”, é dedicado a Roman Polanski.



Imagens do performance video “Registo de Viver” com a soprano Manuela Moniz, presente no DVD



“Registo de Viver” - Livro artístico,
performance na Perve galeria, 2010



Livro objecto-artístico - “Registo de Viver” - reprodução de 3 páginas

Enquanto artista plástico e pensador, integrou em 2010 o 555 - Ciclo Gutemberg organizado pelo Colectivo Multimédia Perve no momento em que passavam 555 anos sobre o lançamento da primeira impressão da Bíblia por Gutenberg, inaugurando então, na sessão “Registo de Viver”, uma densa reflexão sobre o papel revolucionário da impressão na humanidade e sobre a mudança de paradigma a que se assiste numa actualidade esmagada pela utilização massificada das tecnologias digitais, onde o livro-objeto adquire um crescente estatuto de objeto-arte.

... A VIDA E A OBRA... a vida e a obra são uma espécie de enigma... posto pela esfinge que coube a cada um: vai-se vivendo e o enigma vai-se revelando!

...um novelo com um fio de várias cores: vai-se desdobrando... e elas aparecem: cada cor é uma surpresa – mas já estava lá – a propósito dum soneto de Camões que transformei noutro, letra a letra... recombinando-as, observei na ocasião que quem casa segunda vez... não sabia quando casou a primeira – mas já estava lá – como o soneto transformado estava lá no primeiro, a obra está lá desde o início da vida... obra de arte ou outra qualquer, começa-se sempre com um modelo... como se começa a falar com as palavras que já há... mas depois tantas maneiras de lhes dar forma própria... que é a própria forma de cada um.



porque aos 14 anos... há uns que imitam heróis... outros imitam textos... está lá tudo desde o início, heróis e textos que se transformam de acordo com o tempo que os imita... tudo muito idílico primeiro... os colegas dizem: não foste tu que fizeste, quer dizer que reconheciam outra voz... e assim se é levado a criar uma forma cada vez mais própria... e então quando saí de Portugal...

já com 23 anos... (ou ainda) e a forma poética estava a começar a ganhar forma ... o fio do novelo mudou de cor... cores que radicalmente não combinavam... nada combinava... o choque foi de línguas, cada uma com a sua realidade própria... e então comecei a pintar: vida resolvida em obra ou vice-versa... e participei numa exposição colectiva...



e foi apreciado... e continuei 4 ou 5 anos... mas depois voltei à poesia... conheci alguns poetas concretos alemães, não os mais notáveis, isso foi depois... essa poesia unia palavra e imagem... entrelaçava-as... o novelo engrossava... o fio mais grosso: era aliciante... mas depois...

perto de 1970 (talvez 66/67 até 74/75 ... a vida invisível que vai vivendo oculta dentro de nós tornou-me visível... na cidade em que eu vivia – Heidelberg – ficava o hospital alemão especializado em próteses para ferimentos de guerra... iam muitos portugueses para lá... vi muitos... falei com muitos... visitava-os... cegos, sem braços, sem pernas.... e escrevi de novo em estilo depurado pelas várias experiências estéticas, sobre

guerra e mutilações e morte... os primeiros livros de poesia são isso, guerra e mutilações e morte, os poemas estão aí... mas os soldados... onde os meteram?... um deles tinha sido carpinteiro de caixões ... tinha ficado cego e sem braços... e contava histórias das burlas que se faziam com a madeira utilizada... e



ria muito... e isso arrepiava... a vida corria muito suja para dentro... e depois para fora, e nessa altura eu já era refugiado e sem papéis... embora continuasse a dar aulas... a universidade tinhame contratado, tinha o seu orgulho, resistiu a várias pressões portuguesas... e criou-se em mim a pouco e pouco a ideia do Homo Sapiens – o homem na jaula, sempre sempre... qualquer jaula... e quanto mais sapiens mais elaborada a jaula...

mas na Alemanha não era possível fazê-lo – primeiro não teria autorização... nas grandes cidades dos zoos, depois... teria a interpretação do emigrante... sempre as interpretações a definir obra e vida... sempre sempre... sempre o cânone, a norma... a razão que alguém ou todos encontram para o que eles não fariam... e parece-lhes boa, é claro, e passa a ser óbvia... a sobrepor-se à razão nunca óbvia, mas interrogativa, do autor... ao seu desdobramento da vida... o homem dentro da jaula... duma jaula qualquer... é o resumo de tudo...

4



a súmula de vida e obra... qualquer vida e qualquer obra, porque a obra é também uma jaula com a vida dentro... e vice-versa... jaulas quase sempre impostas, mas também auto-escolhidas...

chama-se PERFORMANCE: é apenas um poema que não pode ser dito por palavras... tem de ser escrito com o corpo... escrevi muitos assim... arrisquei muito... num deles quase me matava... a lesão ficou... não é de lesão que se trata sempre?... o Homo Venalis (o "homem vende-se") não é

a realidade absoluta de hoje?... a realidade feita limpeza de tudo... LIMPO era o termo para designar a pureza do sangue... em Portugal até ao século XVIII... judeus... limpo de sangue não cristão!... em

5



toda a parte há os limpos e os sujos... os pobres são sujos... a pobreza é uma sujidade... também de alma: um castigo divino... os calvinistas e os luteranos sabem disso como ninguém... e embora tudo esteja encoberto e disfarçado por ostentações várias, rituais familiares e sociais... cada nação tem os seus... daí a Arte de Ser Português... programa de televisão e título que me foram propostos por Jorge Listopad, o realizador... também não totalmente limpo, um estrangeiro ele, e eu um estrangeirado... nessa condição recebemos ambos ameaças... quem diria depois duma revolução que afinal – estava-se a ver – não foi de ideias, foi de flores!?

voltar como eu voltei... com um convite aliciante que se fez desconvite depois de eu ter feito o Homo Sapiens... um futuro professor da Faculdade de Letras da mui nobre e sempre leal cidade... não pode meter-se numa jaula de macacos... claro a razão invocada foi outra, foi a mudança curricular... as razões invocadas não passam nunca dum disfarce da armadilha... os despedimentos são só flexibilização, pelo menos aqui nesta terra... mas não

29



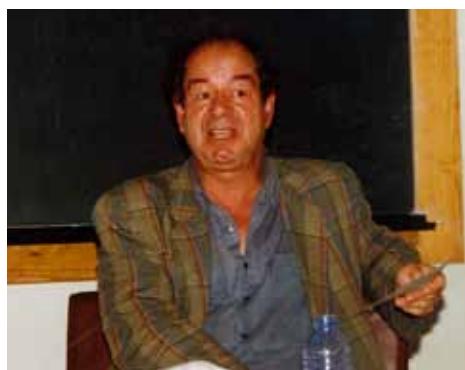
só... foi só mais um pequeno tropeção que me inspirou o Discurso Sobre o Filho-da-puta, publicado no fim desse ano: a obra é feita dos tropeções que magoam... ou então é pura retórica... um tropeção... a cara vai ficando transformada... valeu-me para sair do buraco um acolhimento sentimental, não retórico: vale sempre até novo tropeção... nódoas de todas as cores... nódoas visíveis e invisíveis...

uma tradição deste país... armadilhas cobertas de ramos verdes... a disfarçar... como Nuno Álvares fez na espera aos espanhóis... como na caça a animais maiores... claro que o mundo é um lugar de caça todo ele... mas cada lugar tem o seu modo próprio... disto tudo tenho falado por palavras e obras, desde a primeira até à última...

e disto fala também o tal livro já pronto – muito muito muito trivial no assunto e muito muito muito elaborado na forma... enfim, o possível ou o necessário para tornar poética esta banalidade – e o livro está a ser feito com carinhosos cuidados gráficos. e sabe-me bem um mimo assim, depois de tantos coices....



mimos têm-me vindo sobretudo do Brasil, que não conheço... conheço poetas... aquele cego que teve glaucoma e criou para si o nome Glauco Mattoso (o glaucoma veio só para a grandeza poética do nome), ou Pádua Fernandes, o poeta campeão dos direitos humanos, ou João Silvério Trevisan (Em nome do Desejo) – infinito poema em prosa – porque em nome do desejo se vive... os desejos é que são diferentes... desejos eternos de caçar... ou desejos só de não ser acossado... e esse é o desejo poético... não para ganhar a vida... talvez para a perder... Shakespeare talvez nem seja Shakespeare... Homero era cego mas não se sabe se existiu... Ovídio foi desterrado não



se sabe porquê... Ezra Pound preso numa jaula pública pela sua liberal pátria americana... e Camões tem uma praça com o seu nome nesta capital da República, e na placa explica-se entre parênteses poeta... portanto poeta entre parênteses... não entre parentes!... isso não há... há concorrentes... a quê?... não percebi ainda...

talvez por não ter percebido interrogo sempre... interrogo... tudo o que faço... obra poética ou estética... ou vida... é uma interrogação contínua... uma única vez recebi resposta... e sem a ter pedido... estava a participar naquela mixórdia chamada "Noite da má-língua"... vinha na Avenida Berna... lugar onde muitos anos dei aulas (ensinei a duvidar por certa ordem)... vinha pouco depois do fim do muro do jardim da Gulbenkian... e um carro vindo na mesma direcção... travou junto de mim... e a senhora que ia ao volante, que eu não conhecia...



programa não é para si" e, ante o meu pasmo e com certeza os meus olhos... acrescentou, já estava a reiniciar o arranque: "eu sou a mulher do Eldoro". e arrancou. eu nem no dia seguinte a teria reconhecido... tão rápido tudo... era então a mulher do maestro Fernando Eldoro... fiquei um pedaço muito atónito, e saí mesmo da mixórdia.

é possível... é evidente que o que eu faço provoca interrogações: eco das minhas próprias. "Que é isto?" mas ninguém pergunta isso perante a vida. "Que é isto?" só tenta tirar o melhor partido ou a melhor parte da partida de caça onde entrou, porque assim aceitou ou escolheu.

estes pingos de cera... pingos de cera... podiam ser de azeite a ferver – formas de tortura – falei quase sempre disso, sem lágrimas... os momentos bons no meu registo de viver foram as pausas entre os pingos a queimar a pele! diante por exemplo de lugares sem palavras nem ideias feitas... portanto



Obrigado, Senhor, finalmente puseste-me na linha...

No dia da Comunhão Solene

(7 de Dezembro de 2008)

sem pessoas...aqueles momentos depois de passar fronteiras de qualquer espécie... uma viagem nocturna de comboio com a pessoa que vai connosco a dormir no beliche de cima... ficar a olhar pela janela e esperar que não termine nunca...

Alberto Pimenta - Janeiro de 2014



1 Em 1958, no papel de diabo (de pé) da cena de "Todo-o-Mundo e Ninguém" (gil Vicente), num espectáculo do TEVC.

2 Na Alemanha, a jantar em casa, em 1973.

3 Em 1979, pouco depois do regresso a Portugal.

4 1982: "a minha casa é aquela, Sr. Cônsul, não tenha medo.

5 Conferência numa sala gelada em Setúbal (1988): "A assistência ideal"

6 No tempo da Milanopoesia(aqui na de 1989).

7 Com José Angel Cillero e Angel Campos Pámpano nos mítírios da Gulbenkian, celebrando qualquer evento, em 1992.

8 Uma conferência no Porto, em 1995.

9 Com Carlos Leone, numa ponte da Ria de Aveiro em 2003, antes dum colóquio.

10 Com Adelina Novais, antes duma leitura de poesia, em 2004.

11 No Porto, foto de César Figueiredo.

12 "Reality Show" (o livro que é acompanhado da voz de Ana Deus) posto em 2011 no seu lugar próprio (crateras) por Eduardo Jorge Madureira.





Performance "Homo Sapiens" no Jardim Zoológico de Lisboa, 1977. Foto Jacques Minassian.



Performance "Homo Venalis" Chiado, Lisboa, 1991



Performance "Vier -Elemente Poesie", a preparação segundo o poema "Hälften des Libens" de Hölderlin, Nuremberg 1989, foto de Kurt Pallus



Performance "Vier -Elemente Poesie", a água incandescente, Nuremberg 1989, foto de Kurt Pallus



TOMA!
Obra Colectiva
(revista, flan-zines, objectos 1980-83)

Aquiles e a Tartaruga, objecto escultórico, 24x24x14 cm n.d.
ALP199



Lição de Amor, objecto trouvés, dimensões variáveis, 1999 - ALP237



As duas prespectivas de Gala Diakonov, objecto trouvés, dimensões variáveis, n.d - ALP238



O divino travesti, objecto trouvés, dimensões variáveis, 1982 - ALP236



Performance "Auto da Fé", Évora, 1985



Performance "Passagens", o antes e o depois do descerramento da estátua, Teatro Municipal da Guarda, 2006



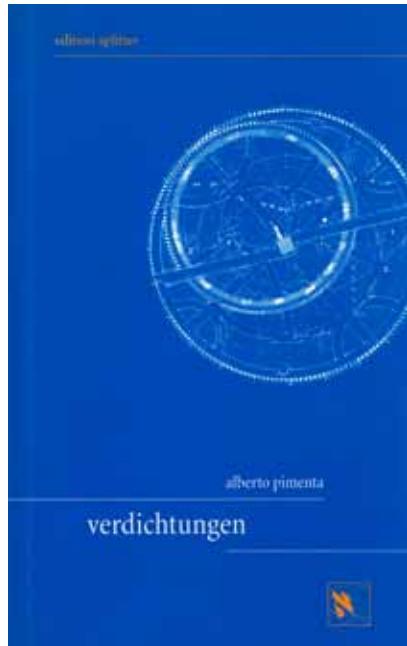
“Arte de ser português” programa de televisão da autoria de Alberto Pimenta, realizado por Jorge Listopad, 1978



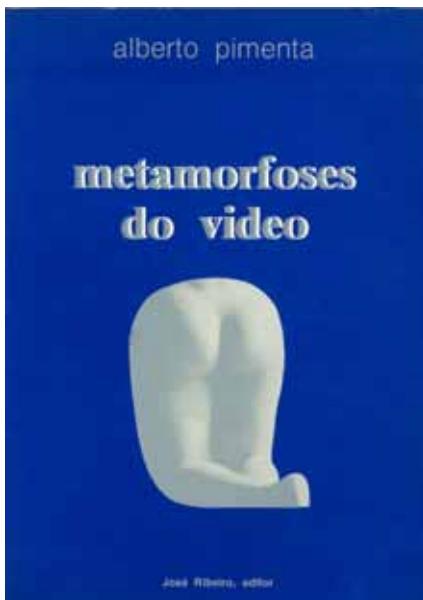
"Discurso sobre o filho-da-puta"
diferentes edições nacionais e estrangeiras



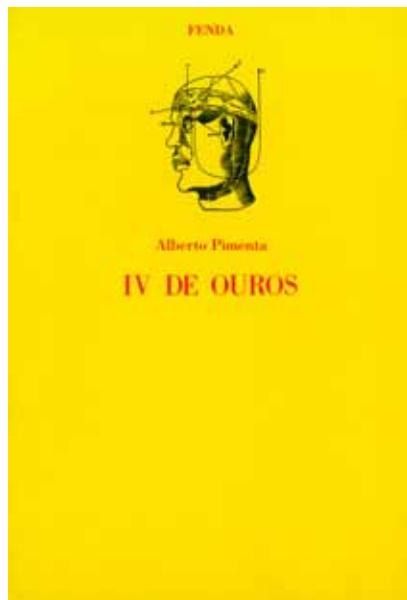
"O Juízo de Deus", edição de autor



"verdichtungen", edition splitter



"metamorfoze do vídeo", José Ribeiro, editor



"IV de ouros", Fenda

2 Obras que foram apresentadas no evento "Markers" - an Outdoor Banner Event of Artists and Poets for Venice Biennale 2001.

O artista convidado por Alberto Pimenta foi José-Miguel Ullán.

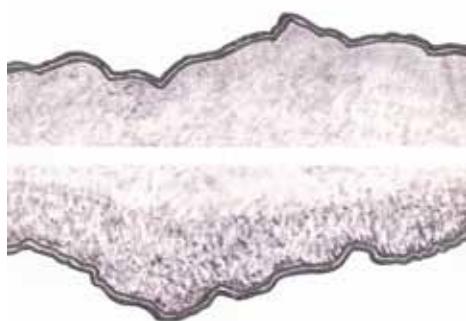
Some **O**fficial **S**elves

Very **I**nevitable **P**eople **S**irs
Very **I**nflated **P**eople **S**irs
Very **I**nsatiable **P**eople **S**irs
Very **I**nfluential **P**eople **S**irs
Very **I**ndisposed **P**eople **S**irs
Very **I**mperilient **P**eople **S**irs
Very **I**nsolent **P**eople **S**irs
Very **I**mbecile **P**eople **S**irs
Very **I**rritant **P**eople **S**irs
Very **I**ncurable **P**eople **S**irs

Shope **O**fficial **S**hit

Alberto Pimenta

PROUD TO PROCLAIM ONE'S ASPIRATIONS



DISCONSOLATE TO SENSE THEIR DESCENT

José-Miguel Ullán

o “poemoscópio” é um género criado por Alberto Pimenta em 1983; combina num círculo mais ou menos regular os pontos fulcrais dum horóscopo individual, com uma interpretação poética que é puro lema da pessoa.



POEMAS CÓPIA DO MINOTAURO

"Este no meio
e sabe que vai
morrer!"

P2014

O poemoscópio é pois já em si um género tão multiplamente simbólico (mais que Salvador Dalí ou Aleister Crowley, de quem fiz os primeiros poemoscópios, será difícil encontrar), e tão fruto de interpretações cruzadas cujo lema final (poético) e figura por ele formada (cósmico-simbólica) devem atingir a dimensão ética e estética totais da pessoa simbolizada, que se me tornou aliciente usá-lo para figuras mitológicas trágicas (portanto humanas), tal Prometeu, Édipo, o Minotauro. O género assim extravasa no tempo, abrange não uma vida limitada, mas ilimitada: os dados, sendo intemporais são imaginados num salto interpretativo, ascendem à imaginação poética pura. Assim os géneros se desfazem, morrem e renascem. Gosto tanto disso...

PROBLEMÁTICA DA DIFICULDADE

Para o Alberto Pimenta

está difícil. está muito difícil. está mesmo muito difícil. es tá realmente mesmo muito difícil. não há dúvida que est á realmente mesmo muito di fíciL.

está difícil. está muito difícil. está muito mais difícil, está mesmo muito mais difícil. es tá realmente mesmo muito mais difícil. não há dúvida que está realmente mesmo muito mais difícil.

está difícil. está muito difícil. está ainda mais difícil. está ainda muito mais difícil. está mesmo ainda muito mais difí cil. está realmente mesmo ai nda muito mais difícil. Não há dúvida que está real men te mesmo ainda muito mais difícil.

está difícil. está muito difícil. está cada vez mais difícil. está cada vez ainda muito mais difícil. está mesmo cada vez ainda muito mais difícil. Está realmente mes mo cada vez ainda muito mais difícil. não há dúvida que está realmente mesmo cada vez ainda muito mais difícil.

para quem julga que estou a exagerar, não digo apenas que não há dúvida que está realmente mesmo cada vez ainda muito mais difícil. nem que está dificílimo. está dificilíssimo !

Fernando Aguiar

Uma insuspeita metástase

Nunca tive grande angústia da influência com o Alberto, em parte por trabalharmos de lados diferentes do muro, ele mais dentro da linguagem, eu com um pé dentro e outro fora; em parte porque receá-la (à influência) seria menorizar tanto o poeta como o seu amigo prosador. «Rui, tu és o mais clássico dos modernos e eu o mais moderno dos clássicos», brincou até uma vez o Alberto. «Aquashow» faz dois anos que foi publicado no mensário *Le Monde Diplomatique*. Nada a dizer: o conto nasceu como ideia de peça quando, num quente dia de todos os mortos, em 2001, estava com a minha amiga Luísa Jacobetty e uma garrafa de vinho branco num bar de praia da Caparica. Sabia-se que vinha aí trovoada humana, passados três meses sobre o 11 de Setembro e estando no ano zero do milénio. Lembro-me de ter dito à Luísa: «Parecemos espectadores aguardando o início do fogo-de-artifício. O problema é se algum avião se engana e levamos com fogo amigo.» A peça era esta, e era fácil de executar – simplesmente foram passando os anos e, de tão fácil que seria escrevê-la, esqueci-me de a escrever. Por fim, passada uma década lá virou conto, cujos primos, para mim óbvios, eram Beckett, Ionesco, Pinter. Só que agora achei interessante desdobrar a prosa em verso, para um livro a lançar em breve, por acaso com um título que também já me parece algo pimentiano: *A metamorfose e outras feras morfoseadas*. E.., dei comigo a sentir que já tinha aquela melodia a dançar na cabeça. Não foi difícil descobrir a fonte: era a minha memória de *A visita do papa* (1982). Digo a minha memória do texto – e não o texto – porque é a memória que trabalha, ou seja, em nada o texto real é responsável judicialmente pelas eventuais tangências, que eu próprio não sei se reais ou imaginárias. Aqui ficam, lado a lado, o original e a involuntária versão:

Mas
Quando o papa chegar,

Sim
Quando o papa chegar,

Todos vão querer interromper
O que estão a fazer,
Todos querem ver o papa

*Com o que Bernardo não contava
era que o concessionário
(chamem-lhe parvo)
fosse cada vez mais
aproximando as cadeiras
umas das outras
à medida que mais e mais
e mais clientes chegavam
ávidos de espetáculo*

Rui Zink



Ficha Técnica

conceito e curadoria
Carlos Cabral Nunes

design, fotografia e audiovisual
Carlos Cabral Nunes e Carlos Santos

direcção financeira e de produção
Nuno Espinho

produção, comunicação e web
Graça Rodrigues

desenvolvimento e execução gráfica
Carlos Santos

direcção artística
Colectivo Multimédia Perve

Impressão e Copyright
Perve Global - Lda.
ISBN: 978-989-98728-2-0

Perve Galeria - Alfama

Rua das Escolas Gerais nº 17 e 19, 1100-218 Lisboa

Casa da liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais nº 13, 1100-218 Lisboa
tel. 218822607/8 | tm. 912521450

Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20h
galeria@pervegaleria.eu | www.pervegaleria.eu

Parqueamento automóvel: Portas do Sol

Transportes: Metropolitano de Santa

Apolónia [Linha Azul]; Eléctrico 28

Estacionamento gratuito: Largo da Igreja de S. Vicente de Fora; Largo da Feira da Ladra [excepto 3^a feira e Sábado].

Apoio - catering



Apoio



CT-34 | Janeiro de 2014
Edição ©® Perve Global - Lda.
Proibida a reprodução integral ou
parcial deste catálogo,
sem autorização expressa do editor.